



Lula quer saber o que o povo acha da dívida

- 2 AGO 1985

JORNAL DA TARDE

A proposta foi feita pelo presidente do PT na conferência sobre a dívida, em Cuba.

A idéia de um plebiscito, para saber o que o povo pensa a respeito da dívida externa, começa a prevalecer como posição unânime da delegação brasileira que está em Cuba, participando da conferência da América Latina e Caribe a respeito da dívida da região. A iniciativa foi adotada por Luís Inácio (Lula) da Silva e rapidamente ganhou muitas adesões.

O presidente do Partido dos Trabalhadores disse que o plebiscito é vital para conhecer o que a opinião pública brasileira pensa sobre a dívida externa. Ele prega uma ampla campanha de mobilização popular, semelhante à das eleições diretas. Depois que o povo estiver informado seria realizado o plebiscito. Ele esclarece:

—Pessoalmente, sou favorável ao puro e simples não-pagamento da dívida. Mas, evidentemente, como presidente do PT, tenho de seguir a posição partidária: suspensão do pagamento da dívida, apuração caso por caso dos compromissos assumidos e que acabaram resultando na dívida e uma espécie de auditoria, para apurar tudo o que foi feito até agora. Em cima do resultado apurado, descobrir onde foi aplicado o dinheiro da dívida e o que deve ser feito para suspender o pagamento. Acho que o mais importante não é ficar discutindo fór-

mulas que podem ser adotadas para pagar ou não a dívida. O mais importante é levar a dívida até o povo. Isto é, fazer com que o povo seja verdadeiramente informado a respeito do que é a dívida e decida o que fazer com ela. Devemos articular as forças políticas com outras forças sociais, como a Igreja, para conseguir tudo isso. Não tenho uma posição fechada. Vamos repetir a campanha das diretas.

Aplausos do PCB

Giocondo Dias, secretário do Partido Comunista Brasileiro, aplaude o plebiscito proposto por Luís Inácio da Silva, que considera “uma boa idéia”. Na sua opinião, “a dívida externa é um dos instrumentos e uma das causas da dependência econômica e financeira de nosso país. O justo, o correto, se governo tivesse força popular, seria encaminhar uma moratória, na defesa do interesse nacional. A dívida é um problema nacional. Não diz respeito só às esquerdas, aos comunistas. Ela diz respeito a diversas forças da sociedade brasileira. O problema só pode ser resolvido com o apoio do povo e com a participação do governo. Esta conferência constitui uma denúncia e um elemento muito sério para esclarecimento da opinião pública latino-americana”.

A posição do Partido Comunis-

ta Brasileiro foi apresentada ontem na conferência de Havana pelo deputado Roberto Freire, membro do comitê central e líder do partido na Câmara. O PCB defende quatro pontos: 1 — rompimento com a tutela do FMI e com todas as terapias monetaristas; 2 — tratamento diferenciado aos credores; 3 — período de carência para os juros e para o principal; 4 — rediscussão do montante real do principal e definição de taxas de juros não manipuladas unilateralmente. O PCB acha que essa é a “alternativa imediata e exequível”, tendo em vista a atual correlação de forças políticas nacionais.

Marilena Chauí, professora da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, coloca a necessidade de informação na raiz de uma solução para o problema da dívida externa brasileira: “Uma das condições fundamentais de um regime democrático é a informação. A população brasileira tem uma idéia distante do que seja a dívida. Mas não conhece concretamente sua origem, forma e custo social. Vive o resultado, mas não tem informação. Precisamos partir para o plebiscito e em cima de seu resultado democrático adotar a decisão com plena cobertura popular”.

Jair Meneguelli, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São

RESPOSTA

Ouvindo 2.740 pessoas entre maio e junho últimos, o Instituto Gallup constatou que a maioria da população brasileira é favorável ao pagamento da dívida externa - embora quase todos achem que os prazos devem ser maiores. Pela pesquisa, 80% dos entrevistados acham que a dívida deve ser paga e apenas 16% acham o contrário.

Bernardo do Campo e da Central Única dos Trabalhadores, recorda: “Já temos uma resolução da CUT, de agosto de 1983, em favor do não-pagamento da dívida. Acredito que só há uma forma de pagar, é matar a população de fome. Vamos continuar lutando. Mas dificilmente conseguiremos uma saída isoladamente. Precisamos atuar em conjunto com os demais países da América Latina”.

Carlos Conde,
enviado especial.